



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

INSTITUIÇÃO DA FUNDAÇÃO JORGE AMADO

Palácio do Planalto
2 de julho

A obra de Jorge Amado, extensa e bela, é uma dádiva do autor ao povo que o inspirou e constantemente alimenta o seu talento e imaginação.

25 de junho — É tornado público o restabelecimento das relações diplomáticas entre Brasil e Cuba, rompidas pelo Brasil após 1964.

30 de junho — O Presidente Sarney afirma, ao receber o jornalista francês Guy Sorman, que a reconstrução econômica brasileira deve levar em conta uma participação cada vez menor do Estado na economia.

Entre os escritores brasileiros contemporâneos, Jorge Amado é aquele que mais se aproximou do povo e dele jamais se afastou. Ao longo de uma carreira literária de mais de meio século, Jorge Amado inspirou-se nas fontes populares — e ao povo devolveu tudo aquilo que recebeu de suas mãos. A sua obra, extensa e bela, do suor e da lágrima do povo, é também uma grande dádiva do autor ao povo que o inspirou e constantemente alimentou o seu talento e a sua imaginação.

Não houvesse a obra de Jorge Amado chegado às alturas a que chegou, à moderna literatura brasileira faltaria

algo para completá-la. Sem a projeção mundial que a obra de Jorge Amado alcançou, o Brasil seria menos conhecido no exterior. Milhões de estrangeiros talvez conhecessem de nós algumas estatísticas e uns escassos dados sobre a nossa vida política e social; porém, saberiam pouco do nosso caráter, do nosso temperamento, da maneira peculiar como enfrentamos as nossas dificuldades, da nossa vocação para a alegria, a cordialidade, o sonho e a liberdade.

Com a criação da Casa de Jorge Amado, o povo e seu romancista estarão ainda mais próximos do que sempre estiveram. Mais próximos estarão os estudiosos de sua obra, os professores, os pesquisadores. Em contato com seus manuscritos, podendo dispor da documentação gerada por uma vida tão rica em realizações e lances humanos, estudantes e estudiosos poderão entregar-se com maior facilidade e proveito à tarefa de revelar os múltiplos aspectos da criação do romancista, aprofundar a sua interpretação, estabelecer as suas relações com a cultura brasileira como um todo e a sua manifestação em particular.

A obra de Jorge Amado enriquece tradições. Segue e enobrece o veio da crítica social, essa freqüente vocação dos ficcionistas e pensadores para descrever e apontar à sociedade as suas próprias deficiências, não para que as lamentem, mas para que as corrija. Essa crítica, que encontramos em todos os momentos da nossa evolução literária, nenhuma corrente praticou com maior grau de consciência, nem com maior amplitude, do que aquela da qual resultou, o chamado Romance de 30. E como participante daquele movimento, Jorge foi o ficcionista que abrangeu o maior número de aspectos da realidade brasileira deste século.

Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Jorge Amado teve oportunidade de afirmar: «Não pretendi nem tentei jamais ser universal, senão sendo brasileiro e cada vez mais brasileiro». Essas breves palavras encerram uma das mais significativas autodefinições do romancista; e por elas recebemos também uma das lições que tem para nos dar. Não podemos nos afirmar como parte da cultura universal a não ser nos afirmando como brasi-

leiros. É a adesão prévia àquela «tradição afortunada» de que fala Afrânio Coutinho, a do nacionalismo positivo, a condição para que a nossa cultura conquiste o seu espaço na cultura mundial.

Jorge também disse, naquele mesmo discurso, que procurou universalidade não apenas sendo cada vez mais brasileiro, mas, ainda, cada vez mais baiano. E de fato a obra de Jorge Amado é uma síntese da rica e multicolorida cultura baiana, que por sua vez é uma síntese de quase tudo o que constitui a cultura brasileira. Entre os muitos traços dessa cultura, vejo como um dos mais essenciais a sua vocação para o ecumenismo. A Bahia é, por excelência, uma terra onde se fundem ou tendem a fundir-se — as raças, as religiões, as expressões artísticas de grupos os mais diversos.

A percepção da multiplicidade da origem da cultura baiana faz parte, desde muito cedo, da experiência vital de Jorge Amado. Nascido na Zona do Cacau, região de fronteira, de aventura e de sonho, Jorge atravessou a sua infância convivendo com desbravadores vindos dos mais diferentes lugares do País, sulistas e nortistas, missionários europeus e mascates levantinos. Apesar dos conflitos e violências que então dominavam a área, o contato de Jorge com a humanidade em miniatura das terras do sem-fim mostrou-lhe também que a tendência oculta embaixo da diversidade era para o caldeamento, a fusão, a unidade.

Entre os elementos formadores da cultura baiana, nunca será por demais destacar o peso específico do negro de origem africana, cuja influência sobre o resto da sociedade entende-se generosa pelas mais diversas esferas. E a obra de Jorge Amado ressalta a pujança desse componente, desde os seus primeiros títulos. Negros são muitos dos mais inesquecíveis personagens de Jorge, figuras vivas que a ele se impuseram, já na adolescência, quando, se transferindo para Salvador mergulhou no povo, tornando-se, como ele próprio recorda em *O Menino Grapiúna*, «amigo dos vagabundos, dos mestres de saveiro, dos capoeiristas, da gente dos mercados e dos candomblés».

A obra de Jorge Amado é, em numerosas de suas páginas, um canto de amor e exaltação à gente negra, às qua-

lidades e virtudes que revela e ilumina. Mas é também, ao focalizar as populações negras, que o romance de Jorge Amado assume, de modo mais pleno, o seu caráter denunciador das discriminações de que foram vítimas até um passado recente, por motivo de conservarem as suas crenças, bem como aquelas de natureza sócio-econômicas que ainda não cessaram de existir. A história de coragem e persistência, contada em *Tenda dos Milagres*, infelizmente, ainda não é um capítulo encerrado com final feliz.

Não o são, aliás, muitas outras criações de Jorge Amado, cuja leitura, sendo uma fonte de prazer para milhões de brasileiros, deve ser também uma fonte de inspiração e alento para que nos demos as mãos. Quantos capitães de areia continuarão condenados à marginalização social, se não houver de nossa parte esse esforço para educá-los, assisti-los e garantir-lhes, no devido tempo, o emprego. Quantos amargos heróis de *Seara Vermelha* continuarão a vagar famintos pelas estradas e a viver como párias na periferia das grandes cidades industriais, se não for firme a nossa decisão de fazer o desenvolvimento do campo.

A Fundação se instala significativamente no dia 2 de julho. A Bahia do 2 de Julho é a Bahia que, no plano cultural, tem uma afirmação precoce com o poeta satírico Gregório de Matos; é a Bahia libertária dos heróis pouco conhecidos que lutaram em várias revoluções populares antes da batalha de Castro Alves; é a Bahia que pela mão de mestres como Artur Ramos e Edison Carneiro se fez pioneira dos estudos sobre a presença negra no Brasil. E é nessa tradição cultural baiana que Jorge Amado se insere, é a esta que o seu gênio criador e a sua consciência de cidadão tratam de dar continuidade.

A Casa de Jorge Amado será obra de uma Fundação, que contará com aportes privados e governamentais. Devemos agradecer antes ao próprio escritor Jorge Amado, responsável pela cessão do acervo inicial da instituição.

Ao participar da criação da Casa de Jorge Amado, que será um centro de atividades culturais, o Governo da Nova República está contribuindo para o revigoramento da cultura de nosso País. Está ajudando a promover a pesqui-

sa e os estudos literários, bem como a luta contra a discriminação racial e sócio-econômica, objetivos da Fundação Casa de Jorge Amado.

Hoje é 2 de Julho, data nacional da Bahia. A comemoração é a melhor possível.